

# As florestas, povoadas de engenheiros

★ Uma viagem à RDA, antes de os novos licenciados em Engenharia Florestal se embrenharem nas matas e na profissão...

por Almiro Santos (texto) e José Machado (fotos)

O sector de florestas do nosso País acaba de beneficiar de mais nove engenheiros formados pela Faculdade de Agronomia da Universidade Eduardo Mondlane. Os quadros moçambicanos partiram, recentemente, com destino à RDA, onde vão permanecer num período de seis semanas.

A excursão realiza-se a expensas do Governo da RDA, exceptuando-se o pagamento das passagens que foram custeadas por algumas empresas moçambicanas patrocinadoras. Esta é a última etapa (prática) para os novos engenheiros. Depois, cada qual irá para o seu sector de afectação.

Um pouco antes de partirem para terras alemãs, os finalistas do curso de Engenharia Florestal concederam uma extensa entrevista onde perguntaram (contrariando as regras) a razão por que só se entrevistavam engenheiros mecânicos...

Depois de quatro anos de formação e tendo à frente um elenco de professores maioritariamente constituído por estrangeiros, o grupo logrou alcançar a licenciatura em Engenharia Florestal.

Na RDA, de acordo com o Dr. Horst Kittner, professor de Mecanização Florestal que acompanha os seus pupilos, os novos engenheiros florestais vão constatar, «in loco», a manutenção de equipamento florestal e o seu correcto emprego.

O roteiro já tinha sido estabelecido um pouco antes da partida: Berlim, Dresden, Leipzig e, novamente, Berlim. Durante seis semanas, os engenheiros florestais vão juntar o útil ao agradável.

## Berlim, depois da formação

Existe um protocolo de cooperação entre a Faculdade de Agronomia da Universidade Eduardo Mondlane e a Universidade Técnica de Dresden, particularmente com a Faculdade Florestal daquela instituição de Ensino Superior da RDA. É dentro desta cooperação que se desenvolveram, com uma certa regularidade, as viagens de trabalho dos estudantes moçambicanos à RDA, onde se pretende que aumentem os seus conhecimentos sobre a sua especialidade, neste caso particular as Florestas.

A viagem recentemente inaugurada pelos novos engenheiros insere-se na perspectiva de dotar os finalistas do Curso de Engenharia Florestal de bases primeiras para se iniciarem na profissão.

Alguns serão colocados, mal regressarem da RDA, em sectores económicos vitais na economia madeireira moçambicana. Os nove finalistas encontram-se afectos nos mais diversos pontos do país, casos de Manica, Sofala, Cabo Delgado e Maputo.

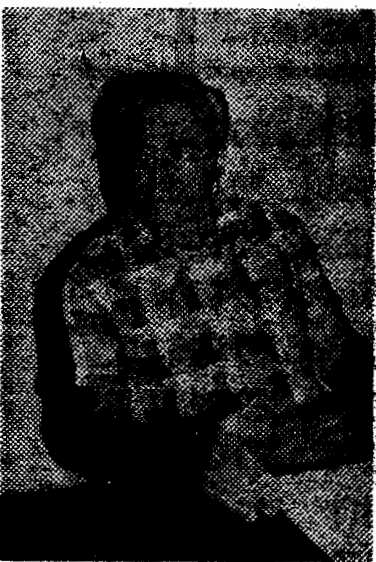
Da capital da RDA, Berlim, previa-se que o grupo seguisse para Dresden, onde seria desenvolvida a maior parte das actividades práticas do grupo. Aliás, encontra-se em Dresden a Faculdade Técnica que permitiu a ida dos engenheiros moçambicanos à RDA.

De Dresden, e já integrados num programa extra, os engenheiros seguem para Leipzig, onde deverão visitar a Feira Internacional, de acordo com o programa elaborado ainda em Maputo.

Entre as entidades patrocinado-

ras, salientam-se as seguintes: Direcção Nacional de Economia Agrária, FAO, Direcção Nacional de Florestas e Fauna Bravia, PMA, IFLOMA, Boror Comercial e Centro Experimental Florestal.

Mas, os engenheiros florestais consideram que o maior apoio foi concedido pelas Linhas Aéreas de Moçambique, dado que suportou o



Dr. Horst Kittner: a possibilidade de levar engenheiros moçambicanos a realizar uma visita de trabalho à RDA

pagamento de três passagens aéreas para Berlim e concedeu 50 por cento de desconto nos restantes bilhetes.

## A engenharia florestal na boca «defes»

Dr. Horst Kittner, formado pela Universidade de Dresden e professor de Mecanização Florestal na Faculdade de Agronomia da Universidade Eduardo Mondlane:

— Todos os alunos demonstraram um grande interesse pela mecanização florestal. É certo que existem diferenças no grau de apreensão dos alunos.

Sinceramente, gostei imenso de trabalhar com estes alunos que hoje são engenheiros. Penso que os alunos moçambicanos denotam um grande sentido de investigação.

Esta é, apenas, a opinião primeira de um professor que se encontra a trabalhar em Moçambique, desde 1984. Também ele se sente satisfeito com a possibilidade que tem de viajar para a RDA, não só porque tal permite rever a sua terra natal, mas sobretudo porque é uma viagem de trabalho que vai permitir aos seus ex-pupilos conhecerem mais a realidade do campo.

Sinto-me muito orgulhoso por levar engenheiros que passaram pelas minhas mãos, à RDA. A excursão é o ponto mais alto dos quatro anos que durou a formação. Quanto a mim, creio que a formação de engenheiros neste ramo, permite a dinamização florestal no país. Acho que esta ida é um acontecimento positivo para a formação dos meus ex-educandos, como verdadeiros engenheiros florestais — disse o professor Kittner.

Como é natural, os novos engenheiros estão eufóricos. Ainda ontem eram estudantes da Faculdade de Agronomia e hoje já são

Engenheiros Florestais. Durante os quatro anos, esteve-se a preparar este grupo de quadros para o sector florestal. A Faculdade de Agronomia não tem, neste momento, defesa de teses, de modo que os novos engenheiros não chegaram a defender a sua tese de licenciatura.

Entre o grupo de novos engenheiros, figura a presença (sempre apreciada) da Eng.ª Marta Augusta Monjane. Tem 22 anos e é natural de Maputo:

— Em quatro anos, a gente saiu a saber alguma coisa, afinal. É verdade que houve dificuldades na Universidade e uma delas foi a diferença de nacionalidades de alguma bibliografia que a gente tinha que consultar. Já não falo das dificuldades conjunturais, inerentes ao próprio desenvolvimento do país, que se reflectiram na alimentação e no transporte, que não chegaram a ser adequadamente suficientes. Quanto ao facto de eu ser engenheira florestal, acho oportuno deixar aqui presente que quero conhecer ainda mais a minha profissão. A gente sai da faculdade e tem muito que aprender. Prometo ajudar, em alguma coisa, o meu país e andar para a frente...

Eng.º Carlos Ernesto Moamba, 27 anos, ex-chefe de turma e natural de Maputo:

— Sinceramente, não me acostumei à ideia de que hoje sou engenheiro. Aliás, não sinto nenhuma diferença pelo facto de ainda ontem ter sido aluno e hoje ter o título de engenheiro. Gostei imenso de trabalhar com a turma, apesar de ser um pouco preguiçosa. Foi um bom relacionamento aquele que mantivemos ao longo dos 4 anos. No que se relaciona ao curso propriamente dito, devo dizer que o segui porque quis. Apesar das dificuldades que existem no nosso País dado que em alguns casos é utópico falar

de trabalho na floresta, devido à guerra, creio que tudo faremos para pôr em prática os nossos conhecimentos ao serviço da Nação. Esperamos que as pessoas mais experimentadas nos ajudem no campo de trabalho, dado que nunca se sai completo de uma faculdade. Acho importante referir que até agora, não se defende a tese de licenciatura na Faculdade de Agronomia. Creio que ainda se está a preparar um novo currículo.

Para contrabalançar, talvez, essa faceta, o nosso curso é um dos que mais se viu sobrecarregado pelo horário em relação às outras faculdades. Quanto à minha afectação ela será, primeiro, em Pemba e, depois, na Beira. Neste momento, gostaria de agradecer às empresas patrocinadoras, esperando que algum dia lhes possa ser útil.

Eng.º Alberto Chirindza, 24 anos, natural de Maputo:

— Estou satisfeito, enfim, pelo título que acabo de conquistar, e espero que, de algum modo, ele sirva como um instrumento para ajudar o país a sair do subdesenvolvimento. Dois anos depois de estarmos na Faculdade de Agronomia, ainda não sabíamos o que era a engenharia florestal. Isso atesta até que ponto existe um manto a encobrir esta ciência que é deveras excitante. Creio, mesmo, que existe pouca divulgação sobre o que é a engenharia florestal, sector que, quanto a mim, é de primordial importância. A minha afectação será no IFLOMA, em Manica, onde trabalharei durante um período de quatro anos, após o que regressarei para a Faculdade a fim de me integrar numa equipa de investigação, ou, muito provavelmente, no elenco docente da Faculdade.

Eng.º Paulo Miguel Feniasse, 26 anos, natural de Manica:

— A Faculdade fornece uma gama de conhecimentos científicos que, quanto a mim, são suficientes

para olhar para o futuro das empresas moçambicanas. Hoje sou Engenheiro Florestal, a segunda etapa será a de arregimentação do título e das competências profissionais de cada um de nós. Creio que nos coube a tarefa de justificar às gerações vindouras, as potencialidades das nossas florestas e das possibilidades que o sector oferece ao desenvolvimento do país. Espero que as empresas onde formos afectos forneçam uma base material que permita trabalhar e desenvolver a nossa actividade convenientemente. A viagem que efectuamos à RDA é importante, uma vez que permite a ampliação da visão sobre o que é o sector das florestas, no mundo. É uma boa oportunidade que nos é concedida para aumentar a nossa sensibilidade sobre o sector florestal.

Eng.º Almeida Alberto Sítos, 23 anos; natural de Gaza:

— Fiz o ensino secundário e médio na província de Sofala. Quando fiz a 11.ª classe, veio uma lista onde constavam alguns cursos que deveríamos seguir. Devo dizer que foi um paradoxo o facto de me ter calhado a Agronomia. Foi ao acaso e, equacionado, sou um Engenheiro Florestal ao acaso. Estou bastante satisfeito com a viagem e nunca imaginei que fosse assim. Estou afecto à universidade, mas vou, antes, fazer quatro anos de estágio, para depois ser integrado como assistente na Universidade.

Prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para servir o país e, neste momento, gostaria de fazer uma exortação aos alunos das escolas pré-universitárias, para que adiram ao sector de Agronomia, uma vez que oferece largas possibilidades profissionais. Imagine que eu só soube que existia engenharia florestal, dois anos depois de ter ingressado na Faculdade...



Os novos engenheiros, perfilados, dando a «conferência de imprensa»